

A Desonestidade em Ciência

Mário Nuno Berberan Santos ^a

«Sei dos que praticavam o mal para que nos séculos futuros resultasse o bem, ou tivesse resultado nos já passados...» (Jorge Luís Borges, O Imortal).

Cometer uma fraude é mentir sobre um facto com o propósito de beneficiar dessa mentira. A fraude pode tomar muitas formas, mesmo em Ciência.

O tipo de fraude mais conhecido, e talvez mais nocivo, consiste na falsificação de resultados experimentais. Casos deste tipo têm aumentado nas últimas décadas, em especial nas ciências biomédicas [1,2]. Se a falsificação é bem feita, há poucas possibilidades de um *referee* a detectar. Contudo nem sempre assim é. No célebre caso Darsee [1], um dos mais de cem artigos contendo dados imaginários, publicado na prestigiada revista *New England Journal of Medicine*, debruça-se sobre a incidência de uma doença cardíaca rara numa família onde um dos progenitores tinha sido pai duas vezes antes dos dez anos de idade! No entanto Darsee veio a ser desmascarado por colegas, e não por *referees*. O terceiro mecanismo de protecção contra a falsificação de resultados é a repetição. Se uma dada descoberta é realmente significativa, a sua repetição virá mais tarde ou mais cedo a ser tentada por outrém. Mas quanto do que se publica tem eco suficiente para justificar uma verificação, tarefa aliás menos compensadora do que a obtenção de resultados «novos»?

Os estudos do psicólogo S. Breuning [3], indicando que as drogas anti-psicóticas deviam ser abandonadas a favor das drogas estimulantes no tratamento de crianças diminuídas mentais hiperactivas, foram oficialmente tidos em conta em vários estados norte-americanos antes de se descobrir que tais conclusões eram baseadas em dados forjados, e portanto sem qualquer valor!

O aumento do número de fraudes conhecidas não parece ser devido a uma maior eficácia na sua detecção, nem tão pouco apenas ao crescimento da comunidade científica. A pressão para publicar parece ser um factor-chave [1,2,4], embora um substrato psíquico patológico propicie a eclosão do fenómeno [2,5]. Mas a desonestidade científica não se esgota na falsificação de dados. Como o sistema científico de comunicação envolve editores, *referees* e autores, a desonestidade pode ser cometida por qualquer das três categorias.

Alguns exemplos:

- Um editor ou *referee* pode retardar a publicação de um artigo sobre um assunto no qual é especialista, e publicar ele próprio essencialmente o mesmo e aparentemente em primeiro lugar, noutra revista. Qualquer investigador ouviu já referências a casos deste-tipo, se é que não se defrontou directamente com eles.

- Um autor pode omitir do seu artigo pormenores experimentais suficientes para tornar muito difícil ou mesmo impossível a repetição controlada das experiências descritas. Muitas vezes esta omissão propositada não se destina a ocultar a existência de dados falsos, mas antes a manter grupos concorrentes à distância.

- Ser-se co-autor, ou aceitar-se ou pedir-se a co-autoria quando a participação no trabalho publicado seja insignificante ou nula. A chamada co-autoria honorária pode surgir pelo menos de duas maneiras:

- como contrapartida pela utilização de equipamento ou reagentes

- por uma relação hierárquica ou administrativa.

A prática de o chefe de grupo ou laboratório apôr o seu nome em todas as publicações dos seus colaboradores pode ser imposta (moeda de troca para subsistência material) ou, mais raramente, desejada (inclusão de um nome consagrado). Segundo a revista *Nature* [6], enquanto a co-autoria honorária como contrapartida é muito comum, a co-autoria honorária por via hierárquica tende a desaparecer, subsistindo como norma apenas em alguns laboratórios da Índia.

A *American Chemical Society* publicou em 1985 um conjunto de Directrizes Éticas (*Ethical Guidelines*) para editores, autores e *referees* [7].

^a Dep. Química, IST.

1. W.W. Stewart, N. Feder, *Nature*, **325**, 207-214 (1987).
2. D. Sharp (entrevista), *La Recherche*, **19**, 240-244 (1988).
3. C. Holden, *Science*, **235**, 1566-1567 (1987).
4. A. Shamoo, Z. Annau, *Nature*, **327**, 550 (1987).
5. V. Herbert, *Chem. Eng. News*, 23 Nov. de 1987, p. 3.
6. *Nature*, **325**, 181-182 (1987).
7. *Acc. Chem. Res.*, **18**, 355-357 (1985).